

ENSAIO FOTOGRÁFICO
**Jogos Indígenas Estudantis
Tupinambá (JIET):
restituir os contornos inefáveis da terra**

Vatsi Meneghel Danilevicz¹
Universidade Federal da Bahia

Luis Antonio dos Santos Baptista²
Universidade Federal do Espírito Santo

Maria Cristiane dos Santos Amanary Tupinambá³
Oka Katuana

Rafael Baumhardt⁴
Universidade Federal da Bahia

Resumo: O manuscrito objetiva relatar os Jogos Indígenas Estudantis Tupinambá, Ilhéus-BA, existentes há 10 anos. O relato relembra momentos históricos, culturais, artísticos e políticos vividos, assim como relaciona os Jogos Indígenas e sua ontologia com uma outra presença em habitar a terra e restituí-la em todos os sentidos, saberes, significados, dimensões e, sobretudo, contornos indefiníveis. A escrita entrelaça fotografias de encontros anteriores com a escrita. Os jogos são essa rede que entrelaça gerações e culturas com mensagem de paz e clamam pela garantia de direitos.

Palavras-chave: Jogos Indígenas Estudantis Tupinambá (JIET); Tupinambá de Olivença; retomada cultural.

¹ Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Mestrado em Psicologia, especificamente em Processos de Subjetivação e Política, pela Universidade Federal do Sergipe (UFS). Doutorado pelo Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PPGDMA), pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

² Professor Titular aposentado do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo.

³ Educadora do povo Tupinambá.

⁴ Possui graduação em Música pelo Centro Universitário Metodista (2023). Professor de música em escolas e projetos sociais. Músico em grupo de danças folclóricas do Rio Grande do Sul.

Tupinambá Indigenous Student Games: restoring the ineffable contours of the land

Abstract: This manuscript aims to recount the Tupinambá Indigenous Student Games in Ilhéus, Bahia, which have existed for 10 years. The account recalls historical, cultural, artistic, and political moments experienced, as well as relating the Indigenous Games and their ontology to a different presence in inhabiting the land and restoring it in all senses, knowledge, meanings, dimensions, and, above all, indefinable contours. The writing intertwines photographs of previous encounters with the text. The games are this network that intertwines generations and cultures with a message of peace and calls for the guarantee of rights.

Keywords: Tupinambá Indigenous Student Games (JIET); Tupinambá of Olivença; cultural revival

Juegos Estudiantiles Indígenas Tupinambá: restaurando los contornos inefables de la tierra

Resumen: Este manuscrito tiene como objetivo narrar los Juegos Estudiantiles Indígenas Tupinambá en Ilhéus, Bahía, que se celebran desde hace diez años. El relato evoca momentos históricos, culturales, artísticos y políticos vividos, y vincula los Juegos Indígenas y su ontología con una presencia distinta en la ocupación de la tierra y su restauración en todos los sentidos: conocimiento, significados, dimensiones y, sobre todo, contornos indefinibles. El texto se entrelaza con fotografías de encuentros previos. Los juegos constituyen esta red que entrelaza generaciones y culturas con un mensaje de paz y una reivindicación de la garantía de derechos.

Palabras clave: Juegos Estudiantiles Indígenas Tupinambá (JIET); Tupinambá de Olivença; renacimiento cultural.

Advertência ao leitor

As imagens dos jovens Tupinambá, neste artigo, recusam a exclusividade de retratar uma cultura em perigo. São fotografias produzidas por um olho também em risco: o olhar posto à prova pela interpeladora presença da alteridade*. Entre a câmera e o retratado a história, afetos, escolhas estéticas, o momento político brasileiro fabricaram imagens que ausentam-se da morbidez da cultura convertida em objeto exótico, ou digna de compaixão. A produção imagética aqui alia-se a crítica da violenta imobilização da imagem denunciada por Didi-Huberman:

Do lado dos especialistas em artes visuais, a tentação epistemológica de imobilizar o ver e o objeto do ver não é menor – como o entomologista que mata sua borboleta preferida para prendê-la em uma placa de cortiça e, onde a partir de então, pode vê-la tranquilamente, detidamente, com um olhar tão morto quanto o próprio animal. Imobiliza-se o objeto do ver quando o consideramos antes de tudo como um texto a decifrar, um enigma a ser resolvido. (...) As imagens são tudo, menos borboletas afixadas numa placa de cortiça para a felicidade sábia, porém perversa e mortífera, do entomologista. Elas são ao mesmo tempo movimentos e tempos, irrefreáveis e imprevisíveis. Elas migram pelo espaço e sobrevivem na história. (DIDI-HUBERMAN, 2018: 162)

Deseja-se através do encontro e das fotografias dos jovens Tupinambá desalojá-las “da cortiça”, fazê-las migrarem para outros tempos e espaços, mostrá-las como imagens impregnadas de histórias inacabadas não restritas a uma cultura, a um povo, a um corpo. Almeja-se oferecê-las como um modo possível de olhar e de intervir no mundo. Nas fotos apresentadas, as legendas recusam indicar, ou explicar, o sentido preciso da imagem. São frases curtas, efeitos da reverberação do dispar, que almejam provocar no leitor a inconclusividade, o não familiar do acontecimento retratado.

****Todas as imagens são de autoria de Vatsi Danilevicz.***

A perenidade e a impermanência do chão

Os jogos são um sonho.
(Aruanã Tupinambá)



Foto 1 – Um oceano nas mãos. Ano: 2023

Um menino fica responsável por enfeitar o chão com folhas e frutas. Tarefa que o envolve com foco, cuidado e minuciosa leveza. Existe, em suas mãos, o objetivo de traçar na terra arenosa uma abertura, um rasgo, uma escrita, que abrigue e conduza os passos das equipes que virão. Por esse chão, desenham-se e se sobrepõem incontáveis plantas dos pés de todas as gerações que passam por aquele lugar, que vieram de outras aldeias para participar desse encontro anual. Nessas pequenas mãos cabem todos os pés. Nessas pequenas mãos cabem rios imensos e riachos, uma gota da tempestade que virá e uma fonte escondida sob as pedras, cabe, até mesmo, um oceano de duzentos milhões de anos. Um menino abre nossos caminhos como quem conduz um olhar viciado para outros lugares distantes do objeto aditivo, possibilitando que o imaginário seja florestado por criaturas terrenas. Criaturas nem tão distantes, criaturas que talvez, para um observador atento, sejamos nós mesmos. Ele abre os caminhos para dar início aos jogos, mas que jogo é esse entre infinitos jogos possíveis?

Historicamente, os Jogos Indígenas tiveram sua origem formalizada pelo encontro de trinta povos em Anhanguera, Goiânia, em 1996, com coordenação de Carlos e Marcos Terena e organizados pelo Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena, amparados pela concepção do “celebrar e não competir” (ROCHA FERREIRA, 2020). Esses jogos acontecem anualmente de maneira descentralizada, alternando as cidades em que serão realizados, assim como ganhando força própria em alguns estados e regiões, o que sucede com os Tupinambá de Olivença. Com sede na Aldeia Mãe de Olivença, Ilhéus (BA), os Jogos Indígenas Estudantis Tupinambá (JIET) ocorrem desde 2015, completando dez anos em 2025, e contam com diversas modalidades, como corrida do maracá, arremesso de tacape, zarabatana, arco e flecha, luta corporal, corrida da folha de patioba, futebol e natação.

A interlocução cultural e o fortalecimento dos saberes ancestrais são os principais propósitos dos encontros, assim como a reafirmação dos territórios, identidades e direitos. Não podemos descrever simplesmente os acontecimentos sem contextualizar, política e historicamente, suas origens, em outras palavras, traçar um chão, em sua perenidade e impermanência.

Aruanã Tupinambá e Tikyra Tupinambá foram os precursores da instituição do JIET em Ilhéus. Ainda em 2001, contam que foram convidados a participar dos Jogos Indígenas em Porto Seguro, organizado pelos Pataxó, sendo este o primeiro momento de observação, seguido por outras duas visitas, foram aprimorando os trajes e reafirmando seu reconhecimento como povo Tupinambá de Olivença. Foi lá que Aruanã recebeu um colar e, com ele, os votos de abertura de caminhos para guiar os jogos em Ilhéus.

Os caminhos se abriram e foi em 2015 que eles conseguiram organizar o Grupo Paranã, que se encarregou de iniciar os jogos na região. Embora houvesse dificuldade de apoio para realização, foi pela auto organização que conseguiram reunir as pessoas para cozinhar, para a confecção dos troféus, para garantir os espaços de realização e para todas as tarefas necessárias que garantissem o sucesso do encontro. Os jogos eram um sonho e estavam ganhando vida.

A organização do evento anual conta com o envolvimento de pessoas com diversas habilidades e propósitos. Afinal é preciso cozinhar para aproximadamente mil participantes, receber as equipes, organizar as atividades esportivas, assim como artísticas, como a venda dos artesanatos, a pintura corporal, os registros fotográficos e audiovisuais, a narração das atividades, organizar a segurança e saúde dos participantes, uma vez que há risco de desidratação e acidentes. Enfim, trata-se de uma orquestra festiva para celebrar a diversidade da vida em cada território.



Foto 2 – Sinfonias da pele. Ano: 2023

Conversações

*O meu coração manda
quando é para falar.
(Aruanã Tupinambá)*



Foto 3 – Quando. Ano: 2023

O método *conversações*, inspirado em Gilles Deleuze e Maurice Blanchot, pressupõe interlocuções da palavra em sua duplicidade semântica presente nos diálogos e a sua necessária descontinuidade do pensamento (BLANCHOT, 2001), assim como a incessante conversação e guerrilha consigo mesmo que povoa a solidão da palavra escrita (DELEUZE, 2013).

Para Blanchot, as palavras são a imobilidade mais movediça que há, são plurais e se desdobram infinitamente em significados e composições. Para ele, “as palavras estão em suspenso; essa suspensão é uma oscilação muito delicada, um tremor que não as deixa nunca no lugar. (...) Escrever não é expor a palavra ao olhar. O jogo da etimologia corrente faz da escrita um corte, um dilaceramento, uma crise” (BLANCHOT, 2001: 66). Seguindo essa compreensão da palavra trêmula e irredutivelmente plural, pensamos, com Blanchot (2001: 139), que a palavra deve ser partilhada. Segundo ele, “o diálogo deve nos ajudar a compartilhar essa dualidade; formamos uma dupla para carregar a dupla palavra, menos pesada então pelo fato de ser dividida e, sobretudo, tornada sucessiva pela alternância que se desdobra no tempo”.

Em consonância, para Deleuze, no livro *Conversações*, composto por diálogos e entrevistas, ele sugere uma retomada da palavra. Em homenagem às ideias ali partilhadas, nomeamos o método tal qual o livro referido, inspirando-nos nesta proposta de fluxos da linguagem e na arte que “resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha” (DELEUZE, 2013: 219). Resiste, ainda, através da criação de novos espaços-tempos, enquanto máquinas de guerra sem guerra, mas com insurreições de criações coletivas (DELEUZE, 2013). Enfim, pensando nas confluências entre as palavras de Blanchot e Deleuze, encontramos essa proposta de vida como obra de arte. Em outras palavras, os modos de existências entre ética e estética, entre ditos e enunciados irredutíveis, quando a linguagem é elevada a potência do indizível.

De maneira complementar, buscamos outras perspectivas para compreender a palavra. Em Guarani Mbya, palavra e espírito são sinônimos. A palavra *nhe'ẽ* é

polissêmica, significa: vozes, sopro, fala, alma, espírito, vida. Assim, ao falar emanamos o espírito que nos habita (POPYGUA, 2022). A palavra, portanto, é uma manifestação do ser, não apenas representativo, mas inteiramente sagrado. Reside na palavra um respeito verdadeiro com o que é dito. Ainda para os Mbya, “a palavra falada significa oferecer o profundo que nasce na raiz do coração, entrega de amor que brota de um coração e caminha para outro” (POPYGUA, 2022: 67). Essa difícil tradução do espírito das palavras não é apenas um desafio linguístico, mas um ato iminentemente político que envolve diretamente as relações de afeto e amor de quem fala.

A importância das palavras conversadas é imensa em diversas culturas originárias ao redor do mundo, além dos Guaraní Mbya, temos a escritora Maori Linda Tuhiwai Smith, que destaca a necessidade de criar metodologias decoloniais a partir do conhecimento, interesse e metodologias de pesquisadores indígenas. É imprescindível que se tenha uma visão crítica da história para fazer pesquisa, uma vez que fazê-la sempre será um ato situado politicamente. Para a autora: “A imaginação pode ser uma maneira de compartilhar o mundo” (SMITH, 2018: 53) e, portanto, é necessária para se deslocar, atuar junto com essa sensibilidade partilhada.

Nesse contexto teórico-político-metodológico, a principal ferramenta metodológica empregada foram entrevistas. Conversamos com duas lideranças que recriaram os jogos em Ilhéus: Tikyra Tupinambá e Aruanã Tupinambá. Das entrevistas, à luz das contribuições de Blanchot e Deleuze citadas anteriormente, fomos guiados por algumas falas que foram costuradas ao longo do trabalho e nortearam a sua forma e conteúdo em um movimento poiético das palavras faladas.

Para Jaider Esbell, artista indígena,

A oralidade já fez muitos viajantes. Um narrador e seu ouvinte, um céu e uma galáxia. Forma, essa frase, uma paisagem inicial no nosso imaginário e ao darmos um *zoom* chegamos ao alcance dos sentimentos, que remetem à memória e hoje viram literatura e povoam a internet, influenciando um tempo em transição. (WERÁ *et al.*, 2018: 89)

O artista reforça o caráter criador das palavras ditas e sua capacidade de transpor mundos, atravessando paisagens substanciais. Aproximações sensíveis podem ocorrer nos mais diversos meios e mídias, em um processo de autonomia e conexão entre campos de saberes. À flor da terra, como ele descreve os processos disruptivos da arte, compreendida em sua plenitude espiritual e tradutora entre mundos. Reafirmando a presença da ancestralidade e de seus antepassados em sua vida. Afinal, sem a espiritualidade xamânica das terras, dos sonhos e da natureza, não há vida indígena (WERÁ *et al.*, 2018).

Retomando assim a proposta do método *conversações*, trata-se de uma tradução entre mundos. Entre o dizer e materializar o dito. Entendemos que sempre haverá perdas nesse processo, pois o escrito não alcança uma série de forças iminentes no dito. Ainda assim, ousamos a tentativa multitextual: entrelaçamentos de imagens, de tempos, de poéticas, de poiesis, de vidas. Enfim, conversações entre mundos que precisam de outros meios para traduzir a si mesmos.



Foto 4 – Quando, apenas. 2023

Modalidades e travessias

Só queremos o que é nosso.
(Aruanã Tupinambá)



Foto 5 – Travessias. Ano: 2023

Os jogos indígenas surgiram com intuito de comunicar o legado cultural dos antepassados, fortalecer as relações entre etnias e valorizar as diferenças e riquezas originárias para os não-indígenas. É importante destacar que o patrimônio cultural dos povos originários é imenso e diverso, além das tradições atemporais, os indígenas renovam seus costumes e maneiras de viver. Nesse sentido, os jogos são compostos por misturas de modalidades, algumas mais antigas, outras aparecem nos sonhos ou criadas coletivamente com materiais da natureza da região.

Além da reflexão sobre o papel dos jogos na produção da indianidade, situamos o desenvolvimento de políticas indígenas direcionadas ao fortalecimento de atividades corporais, artísticas e culturais, e, sobretudo, a produção de políticas públicas voltadas para a educação, saúde, meio ambiente, sustentabilidade, cultura e o que for pertinente aos povos envolvidos (FERREIRA e VINHA, 2015: 11).

A memória da ancestralidade, através das políticas públicas formuladas no presente, é convocada pelos perigos, ou urgências do agora. Estratégia que assemelha-se ao alerta formulado por Walter Benjamin (1994, 224):

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo (...) O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem.

Aruanã Tupinambá enfatiza que a partir da criação dos jogos, foi possível acompanhar o desenvolvimento de crianças, que inicialmente eram monitores mirim, se tornarem professores dos seus filhos. Ele percebe a importância das gerações que estão nascendo, as sementes, assim como a importância dos anciãos, aqueles que guiam e cuidam do seu povo. Ele questiona: “Quem foi buscar o manto sagrado? Quem foi buscar os jogos indígenas?”.

Os anciãos buscam semear paz, dignidade, soberania e respeito mútuo para o mundo, buscam debater temas da juventude e sua expectativa e planejamento futuro e, concomitantemente, os saberes ancestrais, como a espiritualidade e a linguagem oral (Marcos Terena, 2015). Essa busca em realinhar saberes, gerações, culturas, perspectivas torna cada encontro algo inédito. Além do planejamento anual, é preciso abertura para improvisação perante as novas configurações que surgem em cada encontro.

Assim, nunca um jogo é igual a outro. Para Tikyra Tupinambá, cada vez são criadas novas modalidades inspiradas nos sonhos, nas matérias elementares, na fauna e flora da região e, principalmente, no afeto, na solidariedade e na hospitalidade do povo Tupinambá. Com essas referências, são incorporadas atividades da vivência imanente nas modalidades grupais. Assim foi com a corrida da folha da patioaba, a puxada do mastro, corrida de maracá, e os que ainda serão criados.

Essa tradução entre mundos passados de tempos imemoriais e mundos contemporâneos dos tempos partilhados é feita por xamãs, anciãos e artistas, assim como a tradução entre o invisível e o visível. O que é descrito perfeitamente pelo artista indígena Jaider Esbell: “Instigante porque a arte indígena contemporânea está inteiramente relacionada com a sensibilidade do artista em produzir uma ponte de comunicação para o intangível, em nível da imaterialidade referenciada pelos espíritos ancestrais” (WERÁ *et al.*, 2018: 69).

Retorna as modalidades ancestrais e contemporâneas, seguindo a tessitura das traduções xamânicas, traremos dois exemplos descritos por Aruanã e Tikyra, nas entrevistas, que é o processo de concepção poética das atividades dos jogos: Tikyra lembra que, muitas vezes as atividades são trazidas através dos sonhos, quando um encantado aparece mostrando algo que deve ser feito. Aruanã lembra como criaram a prova da tartaruga: “são duas pessoas que se abraçam e uma deve levar o oponente para o outro lado”. Percebemos que a travessia é realizada por membros de equipes distintas realizando em parceria a corrida.

Além da prova da tartaruga, criaram também a prova do coco:

nossa região é muito dada ao coco. Na atividade, deve-se quebrar o coco e beber a água sem derramar (...) Tudo que a gente faz é pensado para não machucar ninguém. Nada que possa prejudicar as pessoas. (...) Sempre que damos entrevistas, tem pessoas que não podemos esquecer. As pessoas que cozinham para nós. É uma família que cozinha para mil pessoas. Uma família que construiu. Uma família que quer.



Foto 6 – Modalidades. Ano: 2024

Beleza indígena

*Não é o orgulho que leva ninguém a lugar nenhum.
É a vivência, o amor.
(Aruanã Tupinambá)*



Foto 7 – Um corpo políptico. Ano: 2023

Não por acaso o aguardado momento de fechamento dos jogos é o de celebrar a beleza indígena. Não se trata de uma beleza padrão, estática, vendável e repetitiva, mas uma homenagem à vida, imensa em possibilidades de expressão. A vida que é enfeitada com elementos efêmeros encontrados no próprio território. Uma possibilidade de transformação artística e espiritual.

Para seguir a reflexão é importante repensar e relocar os conceitos de beleza, estética e arte, sobretudo para os povos indígenas. Etimologicamente, estética, do grego *aisthesis*, diz respeito aos sentidos e percepções humanas, posteriormente relacionada ao campo da filosofia da arte. Opõe-se, em antítese, ao termo *noíesis*, pensamento conceitual puro e apartado dos sentidos, e *poíesis*, ação dos objetos, criação, fabricação. *Aisthesis* então se refere à percepção sensí-

vel e subjetiva do mundo externo (DAMIÃO e BRANDÃO, 2019). Porém não pretendemos dar primazia às palavras gregas, mas aprender outras maneiras de lê-las. Principalmente através de uma relação que não seja representativa, mas de composição e partilha com o mundo, o cosmo em um processo de agência e constante modificação.

A beleza, conceito imbricado com estética e arte, é compreendida nessa interlocução viva com objetos cotidianos e mágicos, em constante transmutação e diálogo. É avessa ao significado de uma ideia universal apartada da materialidade do corpo. Essa beleza indígena a que nos referimos está muito mais próxima à vida como obra de arte, do que a algo perene. O viver como artesanato incessante de formas. Artesanato atento ao que a natureza dispõe e ao diálogo com a ancestralidade. Quando pensamos nas pinturas corporais, é impossível separar o corpo do espírito, a tinta-seiva do urucum ou do jenipapo é transposto à pele humana em um ligação em nível molecular (RODRIGUES, 2017).

Essas ligações entre tinta-pele, entre moléculas vivas, entre sementes do açaí e sementes humanas, entre a palha da piaçava e a rede social, são arte e beleza. Tikyra Tupinambá relata o processo de transformação que ocorre para o fechamento dos jogos: “você vê a equipe se transformar. (...) No dia do desfile você não acredita que são as mesmas pessoas que estavam ali encobertas de areia. Eles se empenham. Se arrumam. Fazem o traje na hora. Sentam e confeccionam as peças para o desfile”. Esse momento revela a força da união, do reconhecimento indígena e da reconexão com a ancestralidade fortalecendo os laços entre os povos. A beleza partilhada, a sensibilidade em reposicionar elementos da floresta encontrados *in loco*. Aruanã complementa: “Sem a união, a gente não vai a lugar nenhum. (...) Conseguimos fazer maravilhas”.

Esbell nos mostra que, para os Mukuxi, assim como para outras etnias originárias, a vida é arte, e vice-versa, indissociavelmente, arte e vida se entrecruzam em um processo poético, imaterial, onírico e ancestral. Em suas palavras:

Para além das superfícies, existem mais e mais possibilidades. Elas dialogam no sentido de acharem substâncias em nossas mentes ou silenciosamente invadirem nossa dormência, aflorando em coisas sem qualquer possibilidade de explicação. Felizes os benditos que dão vida à paisagem, que florescem a resistência nas horas mais duras da grande passagem. (WERÁ *et al.*, 2018: 92)

Para seu povo, eles surgiram do centro da Terra, e ainda há muitos por nascer desse núcleo pulsante. Indo além, ele nos conduz a repensar as matérias e substâncias da vida, e a beleza e da visualidade em si: Pois, “trabalhamos o conceito de coletividade e não de coletivo. É um lugar que pretende se tornar um ponto de encontro, um ponto de referência e dispersão dos mostráveis que temos para exibir” (WERÁ *et al.*, 2018: 120). Afinal, o mundo é um encantado.



Foto 8 – Devir jaguar. Autoria: Vatsi Danilevicz. Ano: 2023

Por fim

*Se Tupã quiser ainda vou chegar lá.
E ver o meu povo livre.
(Aruanã Tupinambá)*



Foto 9 – Sem fim. Ano: 2023

Fica um convite e uma canção no ritmo dos maracás. Convite para quem sentir que é possível apostar em saberes voltados ao cuidado com a vida. Cuidado que só é possível com a garantia de direitos, sobretudo, direito à terra. Retomando o que foi dito por Aruanã, “só queremos o que é nosso”, isto é, as terras que há gerações incontáveis e tempos incalculáveis foram habitadas por povos originários. A questão da demarcação das terras indígenas é fundamental para que haja respeito com a natureza, que é início, meio e fim de tudo.

Em consonância, para Esbell: “não há como falar de arte indígena contemporânea sem falar dos indígenas, sem falar do direito à terra e à vida. (...) Um comportamento trans-tempo histórico e trans-geográfico é requerido” (WERÁ *et al.*, 2018: 127-8). Assim percebemos os jogos indígenas, algo que acontece como a arte indígena, traduzindo saberes entre povos, através do tempo e topografias. Jogos formuladores do que seja corpo, modos de existir e de conhecimento do

universo. O lúdico de uma cultura específica que nos interroga, problematiza valores universais, assim como interpela a asfixia do nada a fazer, e oferece uma possível aposta política ao mundo onde o diverso ameaça, ou, torna-se estorvo. Aposta na qual estética e ética são tecidas no corpo manchado de jenipapo, sujo do que ainda resta de terra, e de arte.

Aruanã considera que “hoje somos mais fortes, brigamos de igual para igual com os poderosos”, mesmo que o litoral ilheense seja desejado por seu potencial turístico e de extração de grandes empreendimentos, essa terra é de quem a ela pertence. E os Tupinambá de Olivença são os que ouvem e cuidam destas florestas, das águas, das plantas e dos animais sagrados que também vivem ali. Protegendo-a da mineração, da especulação imobiliária e da disputa fundiária.

Nesse contexto, os Jogos Indígenas surgem como uma rede de comunicação e amorosidade como a palavra que nasce dos afetos e caminha para outro corpo. Os jogos são essa rede que entrelaça gerações e culturas com mensagem de paz, sem ser ingênua, mas genuína. Que clama pela garantia política de direitos, na mesma medida em que se preocupa por alimentar todo e cada participante que ali se fizer presente.

Por fim, não há fim, mas uma canção no ritmo dos maracás, sobre a folha da patioba, afinal, “é preciso ver o canto indígena como um todo: cantamos para nosso corpo abraçar a perfeição” (KAMBEBA, 2020: 92):

*Awe awe awera wê
Awe awe awera wá
Na folha da patioba
eu bato, ninguém me escuta (2x)
Eu nasci na mata virgem,
me criei na mata bruta (2x).*



Foto 10 – Criei na mata. Ano: 2023

Recebido em 10 de novembro de 2025.
Aceito em 15 de março de 2026.

Referências

- BENJAMIN, W. Obras *Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BLANCHOT, M. *A conversa infinita 1: a palavra plural*. São Paulo: Escuta, 2001 [1969].
- DELEUZE, G. *Conversações (1972 - 1990)*. São Paulo: Editora 34, 2013 [1990], DAMIÃO, C. M.; BRANDÃO, C. (Orgs.). 3. *Colóquio de Estética da FAFIL/UFG: Estéticas indígenas*. Goiânia: Gráfica UFG, 2019.
- DIDI-HUBERMAN, G. Olhos livres da história. *Revista Ícone*, v 16, 2018.
- KAMBEBA, M. W. *Saberes da floresta*. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- POPYGUA, T. V. T.. *A terra uma só: Yvyrupa*. São Paulo: Hedra, 2022.
- ROCHA FERREIRA, M. B.; VINHA, M. *Celebrando os Jogos, a Memória e a Identidade: XI Jogos dos Povos Indígenas Porto Nacional – Tocantins, 2011*. Dourados: UFGD, 2015.
- ROCHA FERREIRA, M. B. Jogos dos Povos Indígenas: diversidades. *O Público E O Privado*, 8 (16): 65-80, 2020.
- RODRIGUES, W. A concepção indígena de “beleza”: o caso dos Apinayé e seus instrumentos musicais. *Humanidades & Inovação*, 4 (27): 49-56, 2017.
- SMITH, L. T. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.
- WERÁ, K; KADIWEL, I.; COHN, S. (orgs.). *Jaider Esbell*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2018.